Numero 606 DOMINGO, 5 de Maio de 1895 Anno XI

O OVARENSE

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Anno sem estampilha. . . . . 1$000 reis
Semestre sem estampilha. . . 500 reis
Anno com estampilha. . . . . 1$200 reis
Semestre com estampilha. . . 600 reis

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Proprietario e Editor—Placido Augusto Veiga

Annuncios cada linha. . . . . 50 reis
Repetição. . . . . 25 reis
Communicados, por linha . . . . 60 reis
Os srs. assignantes teem o desconto de 25 p. c.

Dois precipicios

Em menos de tres semanas se abriram aos olhos de todo o paiz dois abismos -um o atoleiro do Nyassa; o outro, a manifestação do socialismo. Caminham de braço dado, embora saiam de origens differentes e traduzam sentidos oppostos. Ambos minam os fundamentos da sociedade. Um representa o modo do ser da classe burgueza, que procura enriquecer-se atravez de tudo, deixando esfarrapada a honra e a dignidade: a outra, as aspirações do proletariado, desvairado por doutrinas seductoras, mas irrealisaveis São dois polos oppostos concretisado o negativo no primeiro que se esphacela, concretisado o segundo no positivo, que se organisa.

Sem uma forte crença no futuro, sem uma organisação viril para oppor a essas duas tendencias resistentes, o Estado baqueará talvez depois de bastante ensanguentada a sua quéda. Mas a perdição é certa e irremediavel. E o que ha-de apressar a crise é essa politica mesquinha de corrilhos que ahi se degladia a cada hora, sem se importar com os interesses da patria. O que nos ha-de afundar de vez é essa temivel ambição dos politicos que só teem por alvo a satisfação das suas vaidades, dos seus interesses particulares.

Vamos; e que ao menos não leve muito tempo a chegar ao fim, porque a lama que enche o atoleiro de toda essa gorda administração de parasitas, enoja, quebranta as melhores aptidões, suja quem d'ella se approxima, e faz perder a vontade de trabalhar. Vamos; e que ao menos um cataclismo depure os elementos sociaes, assim como o fogo depura os metaes. Está n'isso uma esperança dos que pensam que a nossa nacionalidade ainda não deve morrer. E essa crise póde salvar-nos ao mesmo tempo do atoleiro do Nyassa, que nos envergonha e do socialismo desvairado, mas em breve, fortissimo, que nos opprime.

*

Mas o que é o atoleiro do Nyassa?

Uma enorme falcatrua, um roubo importante e uma descarada pouca vergonha em que se envolvem conselheiros, capitalistas, politicos e, todos, syndicateiros.

O Estado fez concessões importantes em Africa a uma companhia que tomou o nome dos territorios—Nyassa, e que devia ser portugueza. Mas os portuguezes, que só pensam em locupletar-se sem sacrificios, para os quaes a Africa e o amor da patria se limita ao Terreiro do Paço e aos variados empregos, que disfrutam, cederam direitos de propriedade e os da concessão, primeiro a um grupo francez e depois a um outro inglez. Entretanto jogavam-se entre os syndicateiros grande quantidade de contos de reis, que desappareceram e davam-se como liquidados contra a companhia creditos importantissimos. Afóra isto a illegalidade d'ambas as transmissões, entrando n'uma e n'outra os mesmos administradores, e fazendo de director espiritual d'aquella mangancia um alto politico das boas graças do governo, com penhor de que o acto passaria assim entre bastidores, sem a intervenção dos tribunaes.

Accrescenta-se ainda que esses administradores bem pagos e alguns nomeados pelo governo, tinham a fiscalisar a sua acção um commissario régio, que ganhava um bom ordemnado.

Que fez esse commissario? Nada, ou antes deixava correr tudo, pondo-lhe pelo seu silencio a sancção legal!

Um caso fortuito, o monopolio dos phosphoros, descobriu a vergonhosa tratada, antes que os lesados inglezes fizessem a reclamação ao nosso governo. Só então os jornaes de Lisboa fallaram, mas a medo, porque as syndicatices são tantas, que não é de extranhar que, ao remecher d'este atoleiro, outros montões de lama se descubram. Os jornaes da capital não disseram tudo.

Porque?

E' isto que nos aterra. A lama deve ser muita para que se receie expol-a ao sol e empeste tudo com as suas exhalações mephiticas. Deve ser bem peor o estado actual da nossa sociedade, do que a franceza, quando o *wilsonismo* appareceu á supuração.

Mas é necessario fazer-se luz completa n'este assumpto, caia quem cair, afunde-se o que se afundar.

O nosso partido inscreveu no seu programma estas palavras—economia e moralidade. Pois bem, cumpra a sua promessa, guerreie sem tregoas os malandros, que exploram infamemente com a protecção, que lhes dispensam nas altas regiões politicas; e se alguns dos seus partidarios se acham embrulhados em taes processos fraudulentos, expulse-os do seu gremio, porque empestam os outros com o seu contagio.

E o governo que devia immediatamente arrastar para os tribunaes criminaes os arguidos, deixou-se ficar dias e dias á espera de consultas, celebrando conferencias com aquelles mesmos que a opinião publica indigitou, como se a sua falta d'acção podesse abafar o oceano de protestos que de toda a parte se levantavam!

A avalanche parou um momento para surgir com mais violencia a ponto de ir para o tribunal toda essa lama, que é um forte indicador do modo como vive a alta sociedade portugueza.

*

O socialismo fez a sua revista no 1.º de maio.

E a revista foi imponente e bem dirigida. Mais de 12:000 pessoas constituiam esse exercito de operarios, que caminha para a conquista das reevindicações, começando pelo dia normal das 8 horas de trabalho.

O operariado portuguez segue a corrente do extrangeiro, mas o proselytismo socialista não tem ainda demasiadas raizes, para dar um combate em fórma. Entretanto a sua organisação de agremiação de classe, faz uma obstinada propaganda, adulterando o espirito dos associados.

Outras causas talvez de maior importancia influem poderosamente no desenvolvimento do socialismo. E' a primeira, a corrupção que se expande nas altas classes da burguezia—são os Nyassas de toda a qualidade e feitio. E' a segunda, a desgraçadissima politica partidaria, que sempre está prompta a explorar com a questão operaria por occasião das reclamações.

De quando em quando o governo vê-se obrigado a despedir das suas officinos trabalhadores, que não trabalham, e logo os jornaes da opposição monarchica e republicana gritam contra a miseria d'essa familia. Por isso os governos se veem obrigados a admittir os expulsos, embora não haja dinheiro nos cofres publicos. E dado afinal o balanço ao trabalho realisado, como quando foi no arsenal, ve-se que com esses pretensos operarios se gastou, sem proveito, rios de dinheiro.

A camara despede trabalhadores e succede o mesmo. Abaixa os salarios e grita-se.

Porque se ha-de dar forçosamente trabalho aos operarios da cidade e não aos dos campos, bem mais numerosos? Porque se ha-de restingir o trabalho a 8 horas se no campo, nas aldeias os jornaleiros, os proprietarios tralhalham 14 horas? Porque se ha-de dar 500, 1$000 e 2$000 reis aos trabalhadores do estado quando no campo por identicos trabalhos se pagam 200 e 300 reis?

Se nas cidades não encontram trabalho, se ahi não pódem víver com salarios modestos, que se retirem para as nossas aldeias, ou quando não emigrem para as colonias.

Proseguir com essas petições extravagantes, só porque lá fóra se faz o mesmo, é um absurdo e um perigo.

Sujeitam-se todos á lucta pela vida, á grande lei da concorrencia, e o operariado só com as suas revistas ha-de crear para si uma situação excepcionalissima?

Não.

Mas para que uma sociedade proceda com energia perante essas reevindicações impostas, é necessario que crie para si uma athmosphera de respeito e consideração, não se deixando enlamear nos Nyassas, que estamos vendo.

Major Campos

Falleceu na quinta-feira pelas 11 horas da noite, o major Alfredo Araujo d'Almeida Campos, commandante do districto de reservas n.º 9.

O major Campos, desde ha um mez que se achava irremediavelmente condemnado por graves doenças.

O seu fallecimento, que rapidamente se espalhou na nossa villa, cauzou profundo sentimento, porque o finado era aqui muito querido, encontrando em todos amigos.

O nosso concelho não póde esquecer uma divida de gratidão ao finado major Campos. Na ultima campanha eleitoral teria corrido muito sangue e talvez se fizessem muitas victimas se não fosse a sua acção digna e firme, como administrador do nosso concelho, nomeado á propria hora da eleição. O seu tino e elevado espirito soube moderar os impetos selvagens d'um bando indisciplinado e ambicioso: soube conter o proprio governador civil dentro da lei.

Por isso a camara municipal n'uma das suas sessões solemnes lhe votou uma mensagem de reconhecimento e de gratidão pelos serviços prestados ao concelho.

A' ex.ma familia enluctada damos sentidos pesames.

Reunião progressista

Na quarta-feira á noite reuniu-se o centro progressista do nosso concelho, sob a presidencia do ex.mo sr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa.

Aberta a sessão s. ex.a declarou que o fim d'aquella reunião era escolher os delegados á reunião geral do partido no dia 5 em Lisboa: que era geral a corrente no partido em se abster na proxima lucta eleitoral, mas que entretanto se devia conferir aos delegados do centro poderes de votar como melhor entendessem.

Depois de algumas considerações feitas pelos srs. drs. Francisco Fragateiro e Joaquim Soares Pinto, foram escolhidos para delegados os seguintes cavalheiros:

Dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente.

Commendador Luiz Ferreira Brandão.

Antonio Soares Pinto.

José Fragateiro de Pinho Branco.

Manoel Martins d'Oliveira Vazt

Os srs. drs. Soares Pinto e Foancisco Fragateiro declara-

ram que não podiam acceitar ser delegados porque n'esse mesmo dia 5 se devia proceder á instalação da commissão do recenseamento eleitoral, de que eram membros effectivos, e que por isso ali não podiam faltar, sem incorrer em graves responsabilidades quer pessoaes quer politicas.

Por esse facto os dois cavalheiros que haviam já representado na outra reunião de Lisboa o centro d'este concelho, agora não fizeram parte da commissão delegada.

No concelho

Ninguem percebe o systhema e a coherencia politica dos nossos adversarios. Andam ás cegas. Desprestigiam-se uns aos outros. Todos querem o mandozinho, o pennacho politico.

Não valia a pena representar as scenas de ha dias na escolha de chefes. O pennacho é tão pequeno, está tão abatido, que é mesmo uma desgraçada.

O orgão disse-nos ha tempos que a gente nova arremessava para o esquecimento o velho Aralla, por consentimento d'elle, com o seu voto, e que se engalanara com a chefia do sr. Eduardo Chaves; mas logo depois, nas conversas particulares, os mais abelhudos affirmavam que a chefia era *in nomine*, porque outros novos mandões surgiam á supuração como caracoes em dias de sol.

Entretanto o novo chefe impunha-se para que os processos baixos, antes usados, terminassem dez vez e a sua acção sentiu-se.

Porém do chefe só queriam exigencias ao governo. Se fossem satisfeitas tudo marcharia na ordem, e do velho Aralla nem uma só recordação haveria.

O governo ficou surdo aos pedidos, ás ordens que d'aqui recebia, dimanadas d'um grupo, que nenhuma força tem: as desillusões vieram; e o sr. Chaves perdeu a chefia.

Não perdeu grande coisa, porque era chefe de meia duzia —partido sem eleitores, exercito sem soldados.

*

Ha dias reappareceu em scena o velho Aralla.

Elle e mais dois constituem um novo grupo politico divergente dos novos. Cada um trabalha para si: cada um procura esmagar o contrario.

Em peregrinação á cidade de Meca, cuidou em guindar-se ás culminancias do poder pela fórma antiga, fazendo em torno da sua pessoa uma aureola, nem sabemos bem de que.

O sr. Aralla não se desillude de que não póde fazer resurgir o seu passado: que não pode conquistar outra vez a popularidade que lhe fugiu. E por isso lá vae d'uma a outra terra perigrinando, pregando aos infieis, que o não querem ouvir.

E não se convence de que os tempos mudaram, de que os velhos processos e as velhas palavras já não os entendem os novos.

Não fugimos á tentação de lhe contar um episodio da eleição de 1880.

Então era o sr. Aralla omnipotente. Dizia em Lisboa que tinha este circulo fechado com uma chave.

O partido progressista batera a eleição e perdeu por mais de 1:000 votos.

Um dos partidarios do sr. Aralla disse ao encerrar das actas=«E esta gente (os progressistas) não se convencerão de que não pódem vencer: ainda cá hão-de voltar?»

Um homem responde então =«Sim, havemos de luctar sempre porque os partidos fizeram-se para se bater. Você—dirigindo-se ao sr. Aralla=ha-de cahir. Napoleão era grande e cahiu.»

E o sr. Aralla convencido então da sua omnipotencia declarou—«Póde ser, mas quando sentir a queda hei-de retirar-me a tempo.»

Ahi está tudo a mostrar que o sr. Aralla não soube retirar-se a tempo. Cahiu d'um modo que todo o resurgimento é impossivel. Quantas procissões planeadas para isso? Quantos processos empregados para conquistar a influencia perdida. Tudo debalde. A fatalidade acorrentou-o á queda, ao desastre politico e a tal ponto, que cada passo dado representa uma nova queda.

Faltava-lhe só o abandono das hostes novas, cheias de ambição. Faltava-lhe o complemento da fabula do velho leão escoiceado pela caterva dos animaes infimos. Deposto pelos seus proprios correligionarios, abandonado quando pensava n'uma resurreição, não póde soffrer mais.

A nós que o combatemos sensibilisaram-nos os seus desastres politicos. Hoje que o vemos de novo só a impedir a acção dos outros grupos, sem o conseguir, mais no comove a sua posição.

Olha-se para os restos do naufragio d'um homem que foi um colosso politico e fica-se a pensar no que é a popularidade d'um dia.

O velho Aralla nem sequer nos incommoda.

De vagar

Vamos conversando de vagar, porque é preciso ter paciencia.

O sr. Amaral accusa-nos de fazer v

do nós só nos limitamos a dizer-lhe amavelmente duas coisas, que representam o cumprimento dos seus deveres. E continuamos no mesmo tom.

Está visto que o sr. Amaral tem sahido do concelho quando muito bem quer e diz que está no seu direito porque o artigo 138 § 1.º do Codigo Administrativo o auctorisa a sahir durante tres dias. Mas o sr. Amaral já se esqueceu das condições em que foi provido no logar de facultativo municipal. Ora essas condicções formam a natureza do contracto, que faz lei entre as proprias partes. A'i se obrigou o sr. Amaral a não sahir do concelho sem o participar á camara e fazer-se substituir. Adeante, porque não podemos gastar muito espaço

Quando podermos havemos de publicar o officio do sr. Amaral, como sub-delegado de saude ao sr. dr. Descalço Coentro a respeito da casa do tribunal, então destinada a casa de administração do concelho e as respostas dadas pelos 5 facultativos, na presença do proprio sr. Amaral e com a sua audiencia.

Dizia o officio que aquella caza era um foco de infecção. Contra isto protestaram logo todos os facultativos e o proprio sr. Amaral votou com elles.

O sr. Amaral dizia que a caza não era ventilada e os outros facultativos disseram o contrario. O sr. Amaral votou com elles.

O sr. Amaral dizia no officio que a casa não satisfazia ás condicções de boa hygiene e o sr. Amaral limitou-se a dizer que já tinha expandido a sua opinião

Pois o sr. Amaral que ou devia protestar no acto do exame contra os seus collegas, ou ao menos devia votar contra as suas conclusões, limita-se a ficar calado, mudo e quedo, e agora é que vem dizer que o tribunal está n'um foco de inspecção!

Pois o sr. Amaral, que durante o exame ficou completamente aniquilado, porque os outros facultativos, cuja competencia é muito superior à sua, cujo saber é muito maior, não disse uma palavra para sustentar as anterios affirmações, apparece agora a desculpar-se!

E o que é o tal cano de esgoto e que papel representou? Todos sabem em que circumstancias se deram os fallecimentos das filhas do enfermeiro do Hospital. Pois isso foi o bastante para uma *troupe* querer arranjar pretexto para a mudança do Hospital. Em virtude d'aquella intriga resolveu a camara fazer levantar o capeamento d'um cano de despejo e viu-se que d'ali nenhuma exhalação sahia. Mais nada.

A trica não pegou, e o sr. Amaral ficou amarrado ao seu officio e ás suas respostas no exame. Adeante.

O sr. Amaral entrou como mestre no caso de sub-delegado de saude e pergunta quando foi que o sr. administrador lhe exigiu visitas ao matadouro e outros a que nos referimos, pois assim o quer o artigo 138 n.º 4 do Codigo Administrativo:

N'isto leu, mas não soube ler o tal n.º 4 do artigo 138, pois esse artigo apenas dá a novi la le de serem os facultativos do partido municipal que exercem as funcções de sub-delegados de saude fóra de Lisboa e Porto. De resto não altera a lei anterior.

Mas o que regula a obrigação do sub-delegado de saude é o regulamento especial da saude publica que manda aos sub-delegados informar a auctoridade administrativa sobre as causas de insalubridade do concelho- n.º 2 do artigo 20, sobre o estado sanitario do concelho—n.º 1; e como havia o sr. Amaral de fazer as informações e pedir as providencias se nunca se importou de fazer as visitas necessarias?

Ora o sr. Amaral deve conhecer que nós longe de fazer verrina e muito menos de ameaçar, só damos bons conselhos, bons avisos. Já não é a primeira vez que o sr. Amaral se colloca um pouco fóra do campo em que se devia encontrar, se bem que a isso seja levado por sugestões alheias.

Ora vamos.

Mercado livre

D'esta vez a «*Folha*... resuscitada» procura parodiar em estylo, que lhe não é proprio. Vê-se que aprende e d'isso faz bem.

A camara não faz cumprir a postura municipal que restringe o direito de comprar e vender livremente nas praças publicas, porque o não póde nem deve fazer—1.º porque essa postura está revogada, visto ser contraria a lei geral e impôr uma pena a que não está auctorisada—2.º porque é contraria aos interesses do commercio e ás conveniencias publicas.

Não faz executar essa postura como outra, que egualmente estão revogadas.

O sr. administrador do concelho não póde fazer applicação das posturas municipaes, multando.

E posto isto, passemos a discutir a conveniencia da restricção, que se quer.

Diz a «Folha resuscitada» que n'um caso de força maior, como seja no de escacez, compete ao governo e ás corporações administrativas providencior.

Estamos d'accordo, mas nem agora ha o tal periodo de escacez, nem tão pouco as providencias especiaes são as das posturas. Restringe-se a liberdade na compra e venda, regulando-se o preço, que é para evitar os monopolios prohibidos por lei e ainda porque se executa aquelle grande principio *salus populi*...

Mas agora, no caso de que tratamos o absurdo da accusação ve-se a cada passo.

Diz-se que se a camara prohibir a compra antes das 9 horas, o preço das galinhas abaixará, porque, como são os lavradores (e não os pobres) que vendem as galinhas, se obrigarão a vendel-as mais baratas para se retirar cedo do mercado.

Esta é das que bradam aos ceus. Pois alguem comprehende que o preço esteja dependente da hora e que se venda por 400 reis o que d'ahi por uma ou duas horas dará 800 reis?

Mas, se assim fosse, era uma violencia imposta a quem vende e com que direito se ha-de fazer isso aos lavradores e não aos merceeiros, aos taberneiros e a outros vendedores?

E ainda assim, como se havia de impedir a venda?

Supponhamos que um individuo qualquer da localidade, que não contracta em galinhas, mas que estivesse imbuido nas ideas da «Folha...», tendo a certeza de que as galinhas compradas ás 7 da manhã, lhe daiam o dobro do preço ás 9 horas, comprava todas as que apparecessem no mercado. Esse individuo havia de ser multado? Mas se elle nem sequer é conhecido como regatão?

Como os regatões não trazem escriptos, melhor se ia chegarem os empregados da camara á praça e impôr multa a quem comprasse mais do que uma galinha, e quando o escriptor da «Folha...» que tem numerosa familia mandasse comprar duas galinhas deveria apanhar uma multa com tres dias de cadeia e mais 1:200 reis de multa.

Resposta

E' tão innocente a pergunta que sempre nos resolvemos a responder.

Os muros da ponte de João de Pinho precisam de concerto. Arrematou-se a obra. E o arrematante, a quem pertence todo o material, dá-lhe o destino que quer, contanto que dê a obra prompta para lhe ser paga a importancia.

E então o que se fez ao capeamento dos muros do Cazal? Vão dizendo isso, que não será mau.

Os tiros da Estação

Diz a «Folha... resuscitada» da qual é secretario o sr. Francisco Costa, capitalista da Estação, que é o mesmo dito sr. Costa quem dá os tiros para afugentar a cafila de vadios e gatunos que vivem por aquelle bairro que é quasi na totalidade usufructuario, administrador ou possuidor de quasi todos os predios o mesmo capitalista.

Ora o sr. Costa se não quer por alli agente não lhe arrende casa.

Mas nós não acreditamos que seja aquelle capitalista que

ja quasi todas as noites a disparar.

Qual carapuça? Francisco Costa, o pacífico Francisco Costa, que todos nós muito bem conhecemos e que não é capaz de fazer mal a ninguem, a dar tiros de noite para defender o seu predio dos gatunos! Nada, a «Folha» está a mangar com as tropas.

CHRONICA

Leitora gentil e amiga, na quarta-feira, cerca das 10 horas da noite, sob um ceu estrellado, percorreram algumas ruas da villa, os formidaveis interpretes de Strauss, os famosos executantes d'aquellas valsas sensuaes, capazes de electrisarem um moribundo.

Não houve julieta apaixonada que, ao ouvir os sons melodiosissimos das arrebatadoras bandurras e dos delicados violinos, não estremecesse de jubilo, entre a alvura dos seus lençoes.

As, que das janellas contemplavam os orchestrantes, despediam ternos suspiros, que as auras repetiam em suaves harmonias.

E eu, apesar de refractario á musica, não abandonei a troupe de curiosos amadores, que tão bellamente executaram as sublimes composições dos inspirados maestros.

Francamente, noites assim, brandamente emballadas por tão afamados concertistas, desvairam e arrebatam, allucinam e commovem, estonteam e enlouquecem.

A' minha affeiçoada não a encantam só: produzem-lhe vertigens, dão-lhe a embriaguez, causam-lhe febre.

Continuae, pois, afficionados romeus, a dirigir, por estas noites impregnadas de luar, facecias alegres, acompanhadas de gemidos chrystalinos e sonoros, às nossas festivaes patricios, não esquecendo as declarações à queima-roupa, e viva o prazer!

*

Uma noticia triste: morreu o major Campos, o delicado poeta que nunca perdeu a sua feição humoristica. Lidou até ao fim, sorrindo e versejando sempre, versos espontaneos com scintillações de graciosidade, sorrisos francos e bons, em que transparecia a pureza immaculada da sua alma.

A morte, para lhe vibrar o golpe fatal, ha muito que o espreitava trançoeiramente, na quinta-feira porém, vestiu-lhe a sinistra *toilette* dos condemnados ao sepulchro; o drama da vida, portanto, acabou para dar logar ao drama incomprehensivel e mysterioso da Eternidade, e o panno desceu vagarosamente sobre a scena.

Desventurado poeta!

Roberto.

Litteratura

A LENDA DO BOM LADRÃO

(Henri Allais)

II

O homem prendeu o jumento, fez fogo e deitou-se na areia; a mulher estendeu-se n'um dos braços da sphing. Com a maxima tranquillidade desprezavam toda e qualquer precaução. Tinham ficado á entrada da aldeia, na extremidade dos jardins de larangeiras, como gente muito miseravel que não podia pagar uma pousada, mas muito altiva para ir mendigar um abrigo. Os seus vestuarios desbotados e cheios de pó diziam as noites sem tecto e as marchas sem descanço. Não longe d'elles os fogos de Matarieh pareciam convidal-os, porém não lhes prestavam attenção; nós, considerando essa gente tão pobre e tão grande, essa mulher que não receiava a solidão nem o horror nocturno do deserto, essa serenidade mais que humana, nós repetimos:

—«Quem são aquelles e que força os ampara?

«Uma a uma as estrellas accenderam-se. A lua brilhou. Os seus raios pallidos illuminaram a face da estatua que nos pareceu transfigurada; grande pavor nos invadiu. Pareceu-nos distinguir uma irradiação luminosa, emanando da mulher e fluctuando ligeira ao redor d'ella; o seu rosto estava innundado d'essa aprazivel luz. Era um luar suavissimo e moderado, mas que pelo seu proprio mysterio mais assustava que um prodigio resplandecente.

«Tinhamos fome. As provisões do caminho tinham sido depositadas na areia perto de nós. Quando se extinguiu a fogueira, precipitamo-nos gritando. O homem ergueu-se logo; a mulher, afastando o seu manto, mostrou-nos uma creancinha que dormia... uma creancinha nua... Vejo-a ainda... vejo-a, olhando-te. Falla, dize-me, tu que me amedrontas e me allivias, dize-me porque rasão o sinto ainda mui perto de mim! Então, como hoje, o meu corpo esqueceu o soffrimento. N'essa occasião esqueci a fome, a miseria, tudo!

«Prostrei-me.

«A mulher caminhou para nós e apresentou-nos a creancinha que abria os braços para ella; beijei-lhe os pés no proprio sitio em que o cravo se enterra nos teus.

«...O frescor da manhã despertou-me. Os meus companheiros tinham fugido; a creancinha desapparecera: um vôo de pombas se levantou das palmeiras com um grande ruido de azas e se perderam na neblina do levante: duas lagrimas corriam dos olhos da sphinge!

«Desde esse tempo o sol do estio trinta vezes me tem abrazado o corpo e trinta vezes vi a neve cobrir a montanha e eu sempre com esta recordação. Durante as noites quentes do estio, quando adormecia no silencio selvagem do deserto, quantas vezes não voltou a encantar meus sonhos a creancinha de Matarieh! Vivi trinta annos da caridade dos homens, objecto de piedade ou de zombaria, atravessando as aldeias pelo tempo das colheitas e procurando alimentar-me com os sobejos regeitados fóra das casas.

«Emfim, fui preso, accusado e condemnado não sei porque roubo. Varias pessoas attestaram que eu outr'ora fizera parte d'um bando de malfeitores. Isso bastou para me perder. Desprezei a minha defeza, attrahido para a morte por uma força invencivel; mas, quando a cohorte me conduziu até aqui, quando me encontrei n'esta cruz, pareceu-me que essa força, que me sustinha, se retirava de mim... Revoltei-me contra o soffrimento e, de repente, a tua voz fez-se ouvir apaziguando as minhas angustias. Agora o supplicio é um livramento... vejo de novo o terno infante... ouço-o e vou até elle.

«Quando a sombra das montanhas se estendia na planicie, quando ao declinar do dia se elevaram ruidos mysteriosos como murmurios, quando os passarinhos fatigados se deixavam cahir á beira das fontes e que cimo das palmeiras, essa aragem era o seu suspiro, essa voz mysteriosa o seu chamamento, essa sombra a sua magestade, e eu, fraco e só, batia a areia com a fronte gritando:

—Volta, volta, oh! loira creancinha de Matarieh!...

. . . . . .

A noite cahiu; não a noite noite serena e resplandecente, mas trevas repentinas, que se espalharam pela Judeia, como uma ameaça do céo contra a terra.

(Trad. *L. Chaudière.*

AGRADECIMENTO

Antonio José Ferreira Larangeira, altamente penhorado pela maneira alevantada e digna como o distincto facultativo ex.mo sr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa tão sabiamente soube debellar a terrivel doença, que prostrou no leito da dôr, durante um longo periodo de tempo, sua estremecida filha Emilia, a quem dispensou todas as attenções e carinhos d'um zeloso medico, vem por este meio patentear publicamente o seu profundo e eterno reconhecimento.

Cimo de Villa, 2 de maio de 1895.

Inspecção de recrutas

No dia 26 do corrente, pelas 11 horas da manhã, terá logar no edificio dos Paços do Concelho a revista d'inspecção annual em conformidade com o determinado no artigo 49 do regulamento para a organisação das reservas de 31 de dezembro de 1891, a todos os reservistas da 1.ª e 2.ª reservas residentes n'este concelho.

Todos os reservistas devem apresentar as respectivas cadernetas militares e com os artigos de fardamentos que levaram quando passaram á 1.ª reserva.

ANNUNCIO

AGRADECIMENTO

Manoel Rodrigues Pepolim e nora Maria d'Oliveira Gomes, Manoel da Silva Bonifacio e familia, João Ferreira da Silva Bonifacio e familia, Manoel José Ferreira Coelho e familia, veem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecer a todos os seus amigos e mais pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu sempre chorado filho, esposo, cunhado e sobrinho João Rodrigues Pepolim, pedindo desculpa de qualquer falta, que involuntariamente comettessem, e protestando a todos o seu inolvidavel reconhecimento.

Ovar, 27 de abril de 1895.

Caza em bom local

Aluga-se altos e baixos da caza sita á rua da Graça, onde está a pharmacia Silveira.

Para tratar, dirija-se a Francisco Peixoto, Ovar.

ARREMATAÇÃO

2.ª publicação

No dia 26 de maio proximo, pelo meio dia e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, se ha de arrematar e entregar a quem mais der, as seguintes propriedades:

Uma leira de terra lavradia, sita no logar das Cortinhas, que confronta do norte com Manoel Pereira de Rezende, sul e nascente com Manoel Mendes de Sá Talaia, e do poente com bens casal, no valor de 50$000 reis.

Uma leira de terra lavradia chamada o Lambo da Canoza, sito no logar d'este nome, que confronta do norte com herdeiros de Joaquim Pinto da Costa, sul com o rio, nascente com Salvador de Pinho e do poente com Antonio Mendes e outros, no valor de 300$000 reis.

Uma leira de matto e pinhal, chamada o Camarnal, sito nas Canozas, que parte do norte com o rio, sul com caminho, poente com Manoel Francisco Godinho e do nascente com Salvador de Pinho, no valor de 40$000 reis. Esta leira dá servidão de pé e carro para a leira do Lambo.

Uma leira de terra lavradia chamada o Barreiro, sita nos limites do Campo, que parte do norte com Patricio Rodrigues Pinto e outro, sul com Antonio Rodrigues de Sá Carvalho, poente com Antonio Rodrigues da Costa e do nascente com caminho, no valor de 75$000 reis.

Uma leira de terra lavradia e matto, chamada o Moinho, sito no logar do Carvalhal, que confronta do norte com Manoel Francisco Godinho, sul e poente com o rio e do nascente com Antonio Rodrigues da Costa, no valor de 40$000 reis.

Uma leira de terra lavradia, chamada o Chão do moinho, sito no logar do Carvalhal, que parte do norte com Antonio Marques d'Oliveira, sul e poente com Antonio Alves Corrêa e do nascente com José Francisco Rodrigues, no valor de 30$000 reis.

Uma leira de terra lavradi e matto, chamada o Chão da Fonte, sita no logar de Bouças, que confronta do norte com Manoel Mendes de Sá Talaia, sul com Antonio Francisco e outros, e do nascente e poente com caminhos, no valor de 179$050 reis.

Uma leira de terra lavradia chamada a Fonte do Paço, sita no logar da Deveza, que confronta do norte com o caminho, sul com o regato, nascente com Manoel Francisco Vendeira e outros e do poente com Salvador de Pinho, no valor de 449$950 reis.

Uma leira de matto e pinhal chamada a do Cassalho, sito no logar da Ordem, que confronta do norte com herdeiros de Joaquim Anacleto, sul com herdeiros de José Marques de Sá, nascente com o caminho e do poente com Antonio Rodrigues de Sá, no valor de 600$050 reis.

Uma leira de matto e pinhal chamada o Barreiro, sita no logar da Ordem, que confronta do norte e sul com caminho, poente com Antonio Francisco Rodrigues e do nascente com Agostinho de Sá Mendes, no valor de 500$000 reis.

Todos estes bens são sitos na freguezia de Maceda, d'esta comarca, e vão á praça pela segunda vez, no inventario de menores a que se procede por fallecimento de João Marques da Costa Rios, que foi do Cortinha, da mesma freguezia, e pelo presente são citados todos os credores incertos.

Ovar, 25 de abril de 1895.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Alves Martins
O Escrivão
Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Arrematação

2.ª publicação

No dia 26 de maio proximo pelo meio dia e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca se ha-de arrematar e entregar a quem mais der, uma morada de cazas terreas que se compõe de salla, cosinha, quatro corraes, eira, um poço de uso domestico, um poço de engenho de regar, com um pomar de arvores de fructo, vinha e cortinha de terra lavradia e mais pertenças, sita no logar do Corgo, de São Vicente, que confronta do norte com Francisco de Almeida e outros, sul com Roza Maria de Jesus, nascente com Maria Baptista e do poente com caminho, predio que vae á praça no valor de 500$000 reis. E' allodial e acha-se descripto sob n.º 13 no inventario por obito de Roza Rodrigues de Jesus d'aquelle logar e freguezia, com declaração de que a contribuição de registo e despezas da praça na sua total lida le por conta do arrematante.

Ovar, 24 de abril de 1895.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Alves Martins

O Escrivão
Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

PREDIO

Vende-se um composto de casa grande apalaçado e mais duas pequenas com grande quintal e agua de tres poços, em globo ou separadamente, a pagar a vista ou a praso, sita na rua dos Ferradores.

Tracta-se com o sr. Affonso José Martins, no Porto.

TYPOGRAPHIA

DO

OVARENSE

112, rua dos Ferradores, 112

Esta casa encarrega-se de todo o trabalho concernente á arte typographica, onde serão executados com primor e aceio, taes como:

Diplomas, letras de cambio, mappas, facturas, livros, jornaes, rotulos para pharmacias, participações de casamento, programmas, circulares, factura, recibos, etc., etc.

Tem á venda o Codigo de posturas municipaes do concelho de Ovar, contendo o novo addicionamento, preço 200 reis.

Bilhetes de visita, cada cento, a 200, 240 e 300 reis.
De luto, cada cento, a 400 e 500 reis.

EDITORES=BELEM & C.ª—LISBOA

OS DOIS ORPHAOS

Ultima producção de ADOLPHE D'ENNERY

Auctor dos applaudidos dramas as—«Duas orphãs», a «Martyr» e outros—Edição illustrada com bellos chromos e gravuras.—Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, 50 reis pagos no acto da entrega.—450 reis cada volume brochado.

«Os dois orphãos» é um verdadeiro romance de amor, de ciume e de paixões violentas, em que a intriga e a perfidia odienta criam a cada momento situações palpitantes de interesse e de anciedade.

Brinde a todos os assignantes, uma estampa a 14 cores de grande formato representando a

VISTA GERAL DO CONVENTO DE MAFRA

Reproducção de photographia tirada expressamente para este fim.

Brindes a quem prescindir—da commissão em 2, 4, 5, 10, 15 e 30 assignaturas; distribuidos a ngariadores, 62 retratos a crayon, 29 duzias de photographias, 106 apparelhos completos de porcelana para almoço e jantar de doze pessoas, 45 grandes relogios com kalendario, 70 collecções d'albuns om vistas de Portugal e 39 collecções estampas, editadas por esta empreza.

Brindes distribuidos a todos os assignantes=14:000 mappas geographicos, de Portugal, Europa, Asia, Africa, America, Oceania e Mundi. 28:000 grandes vistas (chromo), representando o Bom Jesus do Monte, a Senhora da Conceição, a Avenida da Liberdade, a Praça do commercio, o Palacio de Chrystal do Porto, o Palacio da Pena em Cintra e a Praça de D. Pedro, Lisboa. 38:000 albuns com vistas de Lisboa, Porto, Cintra, Belem, Minho e Batalha. Valor total dos distribuidos: 12:900$000 reis.

Assigna-se em Lisboa, Rua do Marechal Saldanha, 26.

REMEDIOS DE AYER

O remedio de Ayer contra as sezões=Febres intermitentes e biliosas.

Peitoral de cereja de Ayer=O remedio mais seguro que ha para curar a tosse, bronchite, asbtna e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de Salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das scrofulas.

Vigor do cabello de Ayer=Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello gaisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer=O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes—Para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes, e e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias—Preço 240 reis.

Vermifugo de B.L. Fahnestock

E' o melhor remedio contra lombrigas.
O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

SABONETES GRANDES DE GLYCERINA MARCA *CASSELS*

Amaciam a pelle e são da melhor qualidade, por preços baratissimos.

Deposito geral: James Cassels e C.ª, Rua do Mousinho da Silveira, 85 Porto.

O PROCURADOR DO CONTRIBUINTE INDUSTRIAL

Collecção de modelos de requerimentos para uso dos cidadãos sujeitos á contribuição industrial

O contribuinte, que se regula por esta obra, está perfeitamente habilitado a pedir reducção nas collectas lançadas, a seguir recursos, etc., tudo sem precisão de procurador, porque encontra no livro todos os modelos precisos, para pedir exclusão da matriz, por indevida inclusão; de recurso para o juiz de direito; quando haja erro na matriz, por designação de pessoa na indicação da classe; para requerer escusa de membro do gremio; para requerer reducção de collecta; reclamação para a junta dos repartidores; para o supremo tribunal administrativo; para quando só tenha exercido a industria ma parte do anno; declaração de cessão de industria; para pedir titulo de annullação; para recursos extraordinarios; para requerer exclusão da matriz por cessação da industria, etc., etc.

Preço 200 reis—Pedidos «Bibliotheca Popular de Legislação», rua da Atalaya, 183, 1.º Lisboa.

Séde da Redacção, Administração, Typographia e Impressão, Rua dos Ferradores, 112—OVAR.

CAMISARIA MODERNA

50—RUA DE SA' DA BANDEIRA—54

PROXIMO AO CAFE' DO JULIO

ARTIGOS PARA BANHO

Fatos de explendida baeta crepe para senhora, homem e creança

A PRINCIPIAR EM 1$800 REIS!

Fatos de malhaem todos os tamanhos, camisolas riscadas o que ha de mais moderno—Todos os artigos de malha de fabrico nacional são vendidos a face da tabella da fabrica

Sapatos de lona e liga em todos os tamanhos. Toucas d'oleado Senhora

Attenção—Manda-se executar em duas horas qualquer enommenda que a esta casa seja feita, a preços sem competencia

O Popicario=Joaquim Manuel Amador